

DN 20/8/87

O FLUMINENSE, Set. 1977

RN 39

M 700

9 Globo - 3-12-59

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### ZIPAQUIRÁ

PASSAMOS apenas um dia em Bogotá, e não subimos ao Cérrro, não vimos o Salto, não visitamos o museu do ouro nem o museu das esmeraldas, não passeamos pelo parque arqueológico — mas oramos na Catedral de Sal.

Oramos? Não orei; pelo menos não disse nem murmurei prece; mas me quedei em silêncio, a um canto da catedral imensa, sentindo a sua grandeza.

A história é esta: a montanha de Zipaquirá é toda feita de sal-gema; antes de chegarem os espanhóis os índios já cavavam túneis em seu seio. Hoje êsses túneis são imensos e formam no interior da montanha um labirinto escuro em que se pode tráfegar de automóvel, mas com muita atenção, porque o êrro de um instante vos levará a rodar eternamente no mistério subterrâneo até o fim de vossa gasolina, de vossa paciência e de vossa esperança em Deus.

Os mineiros que abriram êsses túneis, e ainda continuam cavucando a pedra de sal, respiram essa poeira da pedra carregada de enxôfre e, suados, pasmam se não estarão no inferno ou perto do inferno, talvez cavando seu caminho para o inferno, e então se ouve um ronco surdo, e se arria a rocha imensa sôbre os homens fracos, e logo abafa seus gemidos na escuridão.

Então contam que uns mineiros que tinham medo de morrer e também eram tementes a Deus fizeram, na bôca de um túnel abandonado, a ogiva de uma capela, e para ali levaram uma santa e lhe acenderam aos pés uma vela, e antes do trabalho vinham um instante orar — orar para não morrer. E então um arquiteto viu, e achou bom. E foi ao Banco de la República e contou o que vira feito pelos mineiros, e disse que sonhara em fazer uma grande catedral subterrânea; e o mandaram fazer. E à proporção que se ia tirando a rocha de sal que era levada para o ar livre para dar sal com que se salga a comida do povo e barrilha e soda cáustica para a indústria da República — foi crescendo no ôco da montanha a pasmosa catedral — chão de pedra-sal, paredes de pedra-sal, colunas de pedra-sal, altares de pedra-sal, abóbadas imensas de pedra-sal; é uma pedra cinza escura onde, às vêzes, à luz que se projeta, brilha uma espuma branca de sal, como se a pedra-sal suasse espuma de sal. Aqui a construção foi o que se cavou e tirou, o desenho do arquiteto está construído no ar do ôco, é uma nobre catedral de ar cercada de sal, coberta de sal, tampada de sal — é imensa, é imponente, é infinita, é escura, e o som do órgão se perde e se reencontra na amplidão das furnas curvas, na emoção de nosso medo e de nosso espanto mudo.

salgar/